

Apresentação

Este número da Revista Olhares & Trilhas traz artigos bastante diversos entre si, mas que, considerando o eixo “ensino”, contempla um caleidoscópio de temas caros aos professores e estudiosos da área.

Podemos dizer que são dois os epicentros dos artigos que compõem este número: o primeiro traz discussões sobre o ofício do magistério como um exercício, cujo agir docente é centrado em ações planejadas para o êxito do ensino e da aprendizagem de alunos, dentre eles os de inclusão, ou seja, o foco está na avaliação qualitativa, na qualidade das condições familiares e educacionais para o desenvolvimento de hábitos de estudo, na qualificação docente, nas práticas de sala de aula; e o segundo apresenta reflexões sobre gênero, escolarização e imagem do professor no quadro da atual política brasileira. Esses dois epicentros, assim, estão imbricados e interligados e perpassam a galeria e os artigos apresentados neste número da Olhares & Trilhas.

As pesquisas, os estudos, as experimentações feitas no campo educacional são importantes para agregar valor e alimentar as reflexões e as práticas efetivadas nessa seara, sobretudo na educação inclusiva que, a despeito das políticas públicas até agora implementadas, na prática, ainda vivenciamos um quadro com grandes desafios para pais, alunos, professores, gestores e governo.

Embora a “democratização” do ensino ainda esteja longe de garantir escola de qualidade para todos, os profissionais que lidam com crianças, jovens e adultos de inclusão, dado o momento histórico, político e a realidade sociocultural à qual estamos inseridos, padecem por não terem o respaldo necessário das instituições. Esse “gap” ainda não preenchido pelas políticas públicas hoje em vigor impede a efetivação de um trabalho com menos dificuldades, menos frustrações e temores, o que dificulta o processo de inclusão dos alunos como sujeitos que devem ser respeitados e aceitos em conformidade com o paradigma da inclusão.

Levando em consideração as incompletudes, os limites e a perplexidade, que muitas vezes nos assolam como docentes, é óbvio que temos um trabalho hercúleo pela frente, tanto em relação ao ensino e aprendizagem de alunos (regulares e de inclusão) inseridos no ensino básico (fundamental e médio) e na modalidade jovens e adultos em todas as escolas brasileiras, quanto em relação ao cuidado com o professor, haja vista a

incidência crescente de adoecimentos e do mal-estar docente na contemporaneidade (ESTEVEVES, 1999).

Os artigos deste número, portanto, discutem um campo de questões relevantes e importantes na seara educacional e colocam em debate pontos fundamentais da formação dos alunos e do agir docente, na medida em que são resultados de pesquisas desenvolvidas por professores atuantes em diferentes níveis de formação acadêmica, o que possibilita a circulação e seu respectivo impacto tanto nos cursos de graduação em Educação e em Letras, quanto nos cursos de pós-graduação dessas áreas.

Feito esse preâmbulo, apresentaremos os artigos de modo a dar visibilidade a cada um dos estudos aqui publicados.

O primeiro artigo, **Fóruns de avaliação qualitativa na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia**, cuja autoria é de Luciana Soares Muniz e de Eliana Aparecida Carleto, ambas professoras doutoras da Alfabetização Inicial da Eseba/UFU, tem como mote a avaliação formativa dos alunos do 1º ciclo, (1º e 2º anos do ensino fundamental) período em que as crianças intensificam o processo de aprendizagem, não só de conteúdos escolares, mas também os relacionados ao desenvolvimento de hábitos e atitudes que os levam a refletir sobre suas emoções, a testar as possibilidades de diálogo e a experimentar outras situações de aprendizagem, possibilitando práticas mais democráticas de construção de conhecimentos.

Para as autoras, o momento de avaliação do rendimento escolar e os conflitos gerados pelas cobranças feitas em sala de aula podem causar desgaste das relações entre alunos e professoras. Assim, foram criados Fóruns de Classe, proposta coletiva de avaliação do processo de ensino e aprendizagem, que consistem em possibilitar aos alunos momentos de protagonismo cidadão, no qual eles realizam autoavaliação, ouvem e debatem com colegas e professores sobre questões importantes da sala de aula, possibilitando a interação e a escuta ativa entre professores e alunos.

Os fóruns, como processos contínuos de reflexão sobre as práticas cotidianas na escola, podem ser uma via de mão dupla para o desenvolvimento da capacidade docente de retroalimentar a sua prática e do desenvolvimento do protagonismo nas crianças que, desde cedo, começam a pensar criticamente sobre os impactos de suas ações nos ambientes coletivos, promovendo, assim, a participação e a responsabilidade coletiva.

No artigo **Os estudantes do Ensino Médio: o que pensam sobre as condições físicas e pedagógicas do ambiente familiar e escolar para sua aprendizagem**, os autores Wender Faleiro, Professor da Universidade Federal de Goiás, e Roberto Valdés

Puentes, Professor de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, fazem um levantamento quali-quantitativo nas escolas estaduais de ensino médio e observam pontos importantes em relação ao grau de comprometimento do aluno com os estudos. As observações feitas pelos pesquisadores muito contribuem para compreender a dinâmica dos alunos e seu sucesso ou fracasso nos estudos. As mudanças propostas recentemente pelo governo federal para reformulação do ensino médio não podem ser apenas no plano curricular, mas escola, família, aluno e sociedade precisam estar conjugados, a fim de que a qualidade dos projetos e das ações coletivas desenvolvidas se reverbere, contribuindo, assim, para a mudança coletiva.

O terceiro artigo, intitulado **A feminização e a docência: uma reflexão com base nas pesquisas em educação a partir do século XXI no Brasil**, de Alessandra Leles Rocha e Maria Marta Carrijo de Oliveira, graduandas do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, busca problematizar a questão do gênero na docência. As autoras fazem um percurso histórico por meio do qual discutem aspectos importantes da feminização do magistério nas diversas esferas do ensino ao longo do século XX e início do século XXI.

A questão do gênero na docência é um tema que tem despertado o interesse cada vez maior de pesquisadores preocupados com a hegemonia política neoliberal e com os impactos gerados pela globalização econômica sobre a educação brasileira. As pesquisadoras afirmam que a precarização do trabalho docente compromete a função cultural e social da educação, cujas consequências são perversas porque impingem ao professor restrições financeiras, isto é, os salários recebidos são inversamente proporcionais ao tempo de dedicação destinado à realização de suas funções, relativizam e desvalorizam o papel da escola e desvalorizam também as pessoas que usam a escola e fazem dela seu posto de trabalho, em especial as mulheres, contingente maior de trabalhadoras na educação brasileira.

Folclore brasileiro nos quadrinhos: comunicação e o uso da ilustração como meio de conhecimento é o quarto artigo deste número. A autora Eliane Meire Soares Raslan, professora na Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais, apresenta os resultados de uma pesquisa que teve por objetivo resgatar o folclore como bem cultural imaterial com alunos de ensino fundamental por meio de ilustrações de personagens folclóricos do Brasil: Iemanjá, Caipora, Curupira, Jeca Tatu dentre outros. A partir dessas ilustrações, os alunos produziram o gênero História em Quadrinhos

(HQ) e puderam ampliar as competências leitoras imprescindíveis aos alunos desse nível de ensino.

No artigo “**Leitura literária na escola: caminhos (nem) sempre tortuosos**”, Aline Pires de Moraes e Epaminondas de Matos Magalhães, professores de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Mato Grosso, discutem o papel fundamental da literatura no desenvolvimento da competência leitora e da cultura letrada dos alunos. Nesse processo, tanto o professor, por meio do agir docente, quanto a escola têm papel fundamental na organização de práticas que possibilitem o trabalho com a leitura, contribuindo, assim, para a formação de sujeitos letrados.

Os autores mostram, nesse artigo, a importância da literatura para a formação da autonomia intelectual e o desenvolvimento da reflexão sobre si mesmo, ampliando, inclusive, a noção de alteridade, na medida em que a literatura propicia aos leitores a identificação com as situações vivenciadas nas narrativas lidas e isso os faz pensar sobre as “verdades” reveladas sobre nós, os outros e as relações estabelecidas entre esses atores, contribuindo para a construção identitária desses leitores e fornecendo-lhes a base cultural. Em função desses aspectos, discutem os autores, a literatura não pode ser alvo de análises gramaticais, porque estaria, assim, fugindo de seu objetivo central, que é desenvolver o gosto ético-estético dos alunos.

Lavine Rocha Cardoso Ferreira, Priscila Moreira Corrêa – Professoras de Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Colégio de Aplicação – Eseba/Universidade Federal de Uberlândia – e Rochele Karine Marques Garibaldi, professora da Educação Infantil dessa mesma instituição, apresentam no artigo **A educação especial e a educação infantil: interfaces do trabalho na perspectiva da inclusão escolar** uma discussão importante no campo da educação inclusiva. Para isso, as autoras descrevem as ações desenvolvidas pelos docentes envolvidos com a educação de crianças inclusivas, em uma escola pública federal, a fim de problematizar o processo de inclusão dos alunos na Educação Especial, com vistas a avaliar o trabalho realizado em sala de aula com esses alunos.

No artigo **Magistério: ofício ou sacerdócio?**, Humberto Vinício Altino Filho, Mestrando em Educação Matemática pela Universidade Federal de Ouro Preto, Lidia Maria Nazaré Alves, Professora na UEMG, Gislaine de Cássia Romualdo Arruda, Licenciada em Matemática pela Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu e Kennedy Santos Lopes, Discente do curso de Licenciatura em Matemática, FACIG, discutem duas perspectivas importantes para a construção da imagem de professor: uma

capitalista e outra sacerdotal. Segundo os autores, essa discussão é importante para que alunos da graduação de diferentes cursos, futuros profissionais da educação, portanto, entendam que a função do professor vai além do próprio ato de ensinar e ganha contornos mais políticos. Assim, a discussão empreendida pelos autores visa explicitar qual dessas duas vertentes prepondera na docência atualmente: se a sacerdotal ou se a capitalista, aspecto esse que acaba formatando o perfil do professor e, conseqüentemente, do aluno brasileiro.

Finalmente, na seção Galeria, as professoras Marisa Barbosa de Oliveira, professora de Artes no Colégio de Aplicação Eseba/UFU, Roberta Maira de Melo e Alexander Gaiotto Miyoshi, professores do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia/UFU apresentam um bonito trabalho oriundo do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), iniciado em 2014, com previsão de término em 2018. Esse trabalho foi desenvolvido em três escolas públicas de Uberlândia e tem como objetivo inserir os futuros professores de Artes, alunos desse Programa, nas práticas de ensino de Artes e na dinâmica escolar, incluindo várias ações culturais e artísticas que visam ao enriquecimento da formação desse futuro profissional.

Conforme já afirmamos, o conjunto de artigos aqui apresentado revela a riqueza epistemológica, temática e de práticas presentes na educação básica que mostram a grandeza de nossos pesquisadores e professores. Mesmo frente a tantas adversidades, aqueles que lidam com a educação pública no Brasil não esmorecem, não se deixam abater e continuam trabalhando para transformar a Educação na prioridade nacional, ao mesmo tempo em que lutam para serem respeitados pelo trabalho – hercúleo – que fazem.

Portanto, caros leitores da Revista Olhares & Trilhas, o convite está feito. Vamos à leitura!!!

Cláudia Goulart (CAp. Eseba/UFU)